Argentina, de volta para o passado

VINICIUS TORRES FREIRE

EM BUENOS AIRES, diz-se que o verão de 2014 está com cara de anos 1980, "ochentoso", com apagões, preços tabelados, saques, inflação. Faltavam apenas uma desvalorização do peso e um tarifaço (alta de preços de serviços públicos).

A desvalorização não falta mais.

A inflação argentina foi de 28% no ano passado. Antes da desvalorização deste mês, estimava-se que seria de uns 35% neste 2014.

Os argentinos, como de costume, querem se livrar de seus pesos, que valem cada vez menos. Para quem tem algum dinheiro, isso significa comprar bens, até carros, e dólares. Não podem aplicar a juros? A inflação é maior que a taxa de juros. Poupar quer dizer perder dinheiro. A taxa real de juros é negativa.

Desde outubro de 2011, o governo vinha impondo cada vez mais restrições à compra e à saída de dólares. Restrições recentes, como impedir compras pela internet além de um valor ridiculamente baixo, ajudaram a detonar o pânico da semana passada. Apenas ajudaram.

É evidente a escassez de dólares. As reservas internacionais do país caem rapidamente. Reservas são um estoque de dinheiro em moeda forte ("dólares" e equivalentes financeiros), um colchão de segurança para pagar contas no exterior caso a entrada de dólares seque (ou que as saídas sejam bem maiores do que as entradas), grosso modo.

Governo e empresas argentinos pagam suas dívidas externas, os argentinos gastam mais em turismo e o comércio exterior rende menos

Desvalorização forte do peso é o primeiro sinal de não há mais como remendar modelo econômico do país

desde a crise de 2008. Crescem menos os preços e as quantidades exportadas pelos argentinos, que importam mais, mas não só devido à crise. Faltam dólares.

A Argentina não pode "pegar dinheiro lá fora", financiar suas dívidas no mercado internacional, que não pode frequentar desde o calote da dívida, em 2001-2002.

O país ficou caro por causa da inflação alta. Parte da produção exportável foi desorganizada por intervenções desastrosas do governo na economia.

A inflação é alta e crescente em particular porque o governo passou a ter deficit depois de 2008, conta financiada loucamente pelo banco central. De modo simplificado, mas vá lá, para ser breve, o BC deles imprime dinheiro para bancar o governo.

Entre os motivos da alta do gasto público estão aumentos salariais, despesas sociais e o fato de o governo bancar, subsidiar, parte dos preços de energia e transporte público. Os subsídios passaram de quase zero em 2005 para mais de 4% do PIB em 2013.

Perda de reservas, procura excessiva de dólares, suscita medos de desvalorização da moeda e desvalorização, o que realimenta a inflação, o que cria expectativa de mais desvalorização. Etc.

Até 2007, segurar o preço do dólar era um modo de tentar segurar a inflação. Mas isso arrebenta a competitividade argentina (dólar barato, produto argentino caro).

Com menos dólares, de qualquer modo, a estratégia foi para o brejo. Desvalorizar é um início de mudança, mas, se vier mais inflação, de nada adianta. A Argentina terá de enfrentar alguma recessão (juro mais alto, menos gasto público, contenção de salários, alta de tarifas).

Mesmo depois do verão quente e "ochentoso", a coisa vai continuar quente e "ochentosa".

vinit@uol.com.br

Funcionário em metalúrgica em Rondônia

Rafael Vieira - 15.fev.13/Folhapress

OS PRESIDENTES OPERÁRIOS

No país, 67 empresas passaram a ser **geridas** por **funcionários** após falir; uma vez no poder, **trabalhadores** defendem o equilíbrio **financeiro**, inclusive por meio de **demissões**

DE BRASÍLIA

De empregado a patrão de si mesmo. Essa é a realidade de funcionários de 67 empresas no Brasil. São companhias que faliram e foram recuperadas por trabalhadores, para evitar o desemprego.

Hoje, são geridas pelos ex-funcionários coletivamente. Decisões e eleição dos diretores ocorrem em assembleias.

O levantamento, publicado em 2013 por pesquisadores de dez universidades, buscou todos os casos do país.

Os 67 confirmados têm 11,7 mil trabalhadores. Mais da metade está no Sudeste e boa parte são metalúrgicas localizadas no ABC paulista. A maioria passou à mão dos trabalhadores no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000.

"Antes o funcionário era preparado só para obedecer, hoje tem que planejar e executar", diz o presidente da Coopertrim, Efigênio Avelino.

A cooperativa, de Raul Soares (MG), nasceu da falência da Tarza, produtora de ferramentas para construção civil e agricultura, que chegou a ter 380 empregados em 2006. A partir desse ano, a companhia começou a demitir e fechou em 2008, quando Avelino já tinha 21 anos de casa.

Já em 2009 os trabalhadores começaram a se organizar, mas só com a falência da Tarza, no fim de 2011, puderam assumir seu comando.

A fábrica foi recuperada com R$ 150 mil doados pela CUT (Central Única dos Trabalhadores). Por autorização judicial, a Coopertrim aluga a empresa, repassando parte do faturamento à massa falida.

Segundo Avelino, a receita atingiu agora R$ 120 mil. Em 2008, era de R$ 2,5 milhões.

Hoje, a cooperativa tem 40 funcionários — "com direitos e deveres iguais" — produzindo 35 mil ferramentas por mês, um décimo da capacidade. Cada um tira cerca de R$ 1.000 por mês. "Tem mais gente agora querendo voltar. Mas temos que ter crescimento sustentável. Não podemos repetir os erros do passado."

CONSULTORIA

A Coopertrim contou com a consultoria da Uniforja, outra empresa tocada por ex-funcionários. Ela nasceu em 1997, com a iminente falência da Conforja, de Diadema (SP).

Primeiro, os trabalhadores arrendaram a metalúrgica. Em 2003, compraram-na num leilão, com financiamento de R$ 20 milhões do BNDES. Hoje a cooperativa fornece para grandes, como a Petrobras, e fatura R$ 160 milhões ao ano.

Dos 470 trabalhadores, 200 são contratados e 270 são cooperados. Mas, antes da crise, em 2008, a Uniforja chegou a ter 650 trabalhadores. Mesmo gerida por eles, não deixou de demitir. "Temos que manter a empresa equilibrada", diz o presidente João Trofino.

Situação menos estável é a da Flaskô, do ramo plástico. A empresa, que chegou a ter 600 trabalhadores nos anos 1990, agora tem 70. A jornada caiu para 30 horas semanais em 2008, sem reduzir salários, que vão até R$ 3.000.

A remuneração é abaixo do mercado, mas a autonomia compensa, diz Fernando Martins, que trabalha na empresa. "São seis horas por dia, não tem patrão enchendo o saco."

A empresa opera por autorização judicial, mas seu futuro é incerto. O sonho dos trabalhadores, que assumiram a Flaskô no primeiro ano do governo Lula, é que a empresa seja estatizada pela União, maior credora.

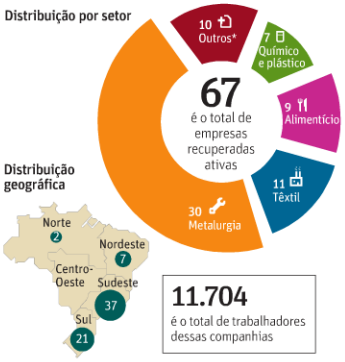
O governo do PT não abraçou a proposta, e um projeto de lei nesse sentido, do senador Eduardo Suplicy (PT-SP), dorme no Congresso.

> **Antes o funcionário era preparado só para obedecer, hoje tem que planejar e executar**
>
> EFIGÊNIO AVELINO
> presidente da Coopertrim

> **Temos que manter a empresa equilibrada**
>
> JOÃO TROFINO
> presidente da Uniforja

> **São seis horas por dia, não tem patrão enchendo o saco**
>
> FERNANDO MARTINS
> que trabalha na Flaskô

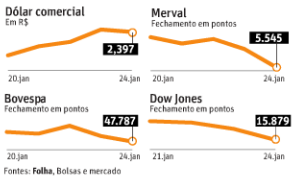
EMPRESAS NA MÃO DE TRABALHADORES



Fonte: Pesquisa Empresas Recuperadas por Trabalhadores no Brasil, realizada por Unicamp, UFRJ, USP, UFOP, CEFET/RJ, UFSC, UFVJM, UFPN, UNESP, UFRN. *Setores hoteleiro (2), sucroalcooleiro (2) e de educação, cerâmica, papel, calçados, mineração e moveleiro (um cada um)

INDICADORES ECONÔMICOS

CONFIRA O DESEMPENHO DO MERCADO FINANCEIRO NA SEMANA



Fontes: **Folha**, Bolsas e mercado

Aplicações

Em %	Semana	Mês	Ano
Dólar comercial	2,17	1,70	1,70
Dólar-turismo*	2,88	3,73	3,73
Ouro BM&F	2,65	7,18	7,18
DI	0,18	0,64	0,64
Bovespa-SP	-2,84	-7,22	-7,22
Dow Jones-NY	-3,52	-4,21	-4,21
Nasdaq-NY	-1,65	-1,16	-1,16
Merval	-5,35	2,86	2,86

*Cotação do Banco Brasil Fontes: **Folha** e bancos

Cotações do dólar

Mercado	Compra (R$)	Venda (R$)
Câmbio livre sexta-feira (1)	2,395	2,397
Câmbio livre BC sexta-feira (2)	2,4123	2,4129
Dólar cabo sexta-feira (1)	2,290	2,500
Câmbio Turismo		
Dólar americano (3)	2,330	2,490
Dólar americano/cheque viagem (3)	2,360	2,460
Iene japonês (3)	0,02206	0,02480
Franco suíço (3)	2,6040	2,7900
Libra esterlina (3)	3,9400	4,1100
Euro (3)	3,1000	3,4800

(1) Cotação média do mercado; (2) Banco Central; (3) Banco do Brasil.

Para calcular suas contas

Indicadores de despesas e receitas mensais

	Set	Out	Nov	Dez	Jan/14
Poupança(*) (%)	0,5679	0,5925	0,5208	0,5496	0,6132
TR(*) - Taxa Referencial (%)	0,0079	0,0920	0,0307	0,0994	0,1126
Ufesp (R$)	19,37	19,37	19,37	19,37	20,14
UFM (R$)	115,00	115,00	115,00	115,00	120,69
TJLP (%ao ano)	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Salário mínimo (R$)	678,00	678,00	678,00	678,00	724,00
Salário SP(R$)(*)	755,00	755,00	755,00	755,00	810,00
UPC (R$)	22,31	22,32	22,32	22,32	22,36

Taxa do dia 1º, referente à crédito no mês seguinte. A UFIR foi extinta e a última valia R$ 1,1641.

Como atualizar dívidas pela poupança

TR mais juros de 0,5% ao mês

Ano	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Jan	1,39041	1,30390	1,23401	1,13963	1,07033	1,06013
Fev	1,38996	1,30239	1,21746	1,13288	1,06490	
Mar	1,38242	1,29991	1,21077	1,12724	1,05961	
Abr	1,37767	1,28841	1,20329	1,12044	1,05433	
Mai	1,36612	1,28303	1,19686	1,11461	1,04909	
Jun	1,35671	1,27500	1,19004	1,10895	1,04387	
Jul	1,35107	1,26791	1,18181	1,10303	1,03868	
Ago	1,34293	1,26015	1,17418	1,09739	1,03329	
Set	1,33599	1,25275	1,16622	1,09179	1,02815	
Out	1,32934	1,24564	1,15926	1,08636	1,02296	
Nov	1,32273	1,23836	1,15277	1,08086	1,01693	
Dez	1,31615	1,23233	1,14630	1,07560	1,01166	

Como calcular: 1) Localize o mês e o ano do débito original. 2) No índice, encontre o fator correspondente à data. 3) Multiplique o valor do débito pelo fator. Exemplo: 1) Débito em R$ 10,00 de fevereiro de 2009 em junho de 2009. 2) No índice o fator correspondente a junho de 2009 é 1,19871. 3) R$ 10,00 x 1,19871 = R$ 11,98871 igual a R$ 11,98 (valor atualizado em 1º/06/2014).
Obs: os fatores estão arredondados e isso leva a um pequeno erro do 1º.

Confira os juros dos empréstimos bancários

Taxas % ao mês cobradas de consumidores e empresas

Custo do dinheiro p/ p. físicas(*) Tipo	Mín.	Máx.	Custo do dinheiro p/ p.jurídicas(*) Tipo	Mín.	Máx.
Crédito direto (pré)	1,50	3,93	Hot-money (1dia)	0,092	0,158
Crédito pessoal	1,50	5,77	Capital de giro	1,44	3,99
Cheque especial	1,39	10,56	Desc de duplicatas	1,02	2,36
Passagens aéreas(**)	0,00	3,50			
Cartão de loja	13,50	16,90			

(*) Média de amostra de mercado, em bancos escolhidos pela Fiscalis; (**) Varia conforme o prazo
Fontes: bancos, empresas aéreas, lojas e Acref

AGENDA TRIBUTÁRIA

Prazos para pagar impostos e contribuições federais em janeiro de 2014

Impostos ou contribuições federais	Período de ocorrência do fato gerador	Pagto. sem correção até	Pagto. com multa (1) a partir de	Pagto. com juros (2) a partir de
IR retido na fonte	Dezembro	20/01	21/01	03/02
	Janeiro	20/02	21/02	03/03
Carnê-leão e ganho cap.	Dezembro	31/01	03/02	03/02
Prev. Social	Dezembro(3)	15/01	16/01	16/01
	Dezembro(4)	20/01	21/01	21/01
FGTS	Dezembro	07/01(5)	08/01(6)	08/01(7)
Cofins	Dezembro	24/01	27/01	03/02
PIS/Pasep	Dezembro	24/01	27/01	03/02
IPI - cigarros do código 2402.20.00	Dezembro	10/01	13/01	03/02
	Janeiro	10/02	11/02	03/03
IPI demais produtos	Dezembro	24/01	27/01	03/02
	Janeiro	25/02	26/02	03/03
Supersimples	Dezembro	20/01	21/01	03/02

(1) Multa de 0,33% ao dia, com o máximo de 20% (2) Juros pela Taxa Selic acumulado mensalmente, para o mês do pagamento e 1% para o mês de 03/2014 (3) Pessoas físicas (4) Pessoas jurídicas (5) O FGTS tem correção pela TR (Taxa Referencial) pro rata entre o vencimento, inclusive (7/12/2014) e o dia anterior ao pagamento (6) Multa de 5% entre 8/12/2014 e 11/12/2014 e parte de 12/12/2014 em diante (7) Juros de 0,5% por mês ou fração a partir do mês seguinte.

FAÇA SUAS CONTAS

Indicadores de preços

Variação % nos últimos meses

Índices	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan/14	12m.
IPCA do IBGE (%)	0,24	0,35	0,57	0,54	0,92	—	5,91
IPCA Esp. IBGE (%)	0,16	0,27	0,48	0,57	0,75	0,67	5,63
INPC/IBGE (%)	0,16	0,27	0,61	0,54	0,72	—	5,56
IGP-M/FGV (%)	0,15	1,50	0,86	0,29	0,60	—	5,51
IGP-DI/FGV (%)	0,46	1,36	0,63	0,20	0,69	—	5,52
IPC/FIPE (%)	0,22	0,25	0,48	0,46	0,65	—	3,88
CUB - Sinduscon (%)	0,16	0,12	0,17	0,09	0,06	—	7,30

CUB - Custo Unitário Básico; INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor; IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo; IGP - Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas; IGP-M - Índice Geral de Preços do Mercado da Fundação Getúlio Vargas; FIPE - Índice de Preços do Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.

MOEDAS

Real

Cotações de compra do Banco Central

Moedas	Cotação	Moedas	Cotação
Peso (Argentina)	0,2953	Iene (Japão)	0,02358
Coroa (Dinamarca)	0,4423	Libra (Inglaterra)	3,9796
Coroa (Noruega)	0,3825	Dólar (Hong Kong)	0,3107
Coroa (Suécia)	0,3745	Guarani (Paraguai)	0,00051186
Dólar (EUA)	2,4123	Peso (Uruguai)	0,1111
Rial (Arábia Saudita)	0,6432	Peso (México)	0,1784
Dólar (Austrália)	2,1004	Rublo (Rússia)	0,06979
Novo dólar (Taiwan)	0,07975	Euro* (Euro)	3,3008
Franco (Suíça)	2,6944	Bolívar (Venezuela)	0,3829

Cotações de 24/01/2014 do Banco Central; (*) Unidade Monetária Europeia.